



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS VALENÇA DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

ELIVÂNIA NASCIMENTO DE SOUSA

**ANÁLISE DA PRÁTICA DE CAÇA SOB A PERSPECTIVA DE MORADORES NO
SEMIÁRIDO PIAUIENSE: UM ESTUDO DE CASO NOS MUNICÍPIOS DE
INHUMA E OEIRAS-PI**

VALENÇA DO PIAUÍ

2023

ELIVÂNIA NASCIMENTO DE SOUSA

ANÁLISE DA PRÁTICA DE CAÇA SOB A PERSPECTIVA DE MORADORES NO
SEMIÁRIDO PIAUIENSE: UM ESTUDO DE CASO NOS MUNICÍPIOS DE INHUMA E
OEIRAS-PI

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Valença do
Piauí.

Orientador: Prof. Me. Antenor Fortes de
Bustamante

VALENÇA DO PIAUÍ

2023

ELIVÂNIA NASCIMENTO DE SOUSA

ANÁLISE DA PRÁTICA DE CAÇA SOB A PERSPECTIVA DE MORADORES NO
SEMIÁRIDO PIAUIENSE: UM ESTUDO DE CASO NOS MUNICÍPIOS DE INHUMA E
OEIRAS-PI

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico) apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, *Campus* Valença do Piauí.

Aprovada em: 27/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Antenor Fortes de Bustamante (Orientador)
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Prof. Dr. Paulo Ragner Silva de Freitas
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Prof. Me. Hermes Oliveira Gomes
Membro externo

ANÁLISE DA PRÁTICA DE CAÇA SOB A PERSPECTIVA DE MORADORES NO SEMIÁRIDO PIAUIENSE: UM ESTUDO DE CASO NOS MUNICÍPIOS DE INHUMA E OEIRAS-PI

Elivânia Nascimento de Sousa¹

Antenor Fortes Bustamante²

RESUMO

A prática de caça no Brasil é uma atividade muito frequente, praticada desde as primícias e se estende por todo o território brasileiro, tanto em áreas rurais quanto em áreas urbanas. É uma atividade que pode ser motivada por questões culturais, econômicas ou medicinais. Partindo desse contexto, o referido estudo buscou identificar as principais motivações e concepções em relação à prática de caça, considerando aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais, e o registro das principais espécies caçadas. A pesquisa foi realizada em áreas de Caatinga em duas localidades. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de questionários a 18 entrevistados, sendo 9 da zona urbana e 9 da zona rural. Resultados revelaram 14 espécies, 6 técnicas utilizadas para capturar os animais e 5 instrumentos usados para atraí-los. O presente trabalho apresenta informações relevantes quanto à utilização dos recursos cinegéticos, a fim de contribuir para futuras propostas de intervenções visando à preservação e o manejo integrado da fauna regional. Portanto, mostrar conhecimentos empíricos aumentam as ideias de solução quando se trata de estratégias de sensibilização sobre a utilização da fauna silvestre.

Palavras-chave: fauna silvestre; espécies cinegéticas; conservação.

ABSTRACT

The practice of hunting in Brazil is a very frequent activity, practiced since the beginnings and extends throughout the Brazilian territory region, both in rural and urban areas. It is an activity that can be motivated by cultural, economic or medicinal issues. Based on this context, the aforementioned study sought to identify the main motivations and conceptions regarding the practice of hunting, considering socioeconomic, cultural and environmental aspects, and recording the main species hunted. The research was carried out in areas of Caatinga in two locations. Data collection was carried out through the application of questionnaires to 18 interviewed, 9 from the urban area and 9 from the rural area. Results revealed 14 species, 6 techniques used to capture the animals and 5 instruments used to attract them. This work presents relevant information regarding the use of game resources, in order to contribute to future proposals for interventions aimed at the preservation and integrated management of the regional fauna. Therefore, showing empirical knowledge increases the solution ideas when it comes to awareness strategies about the use of wild fauna.

Keywords: wild fauna; game species; conservation

Data de aprovação: 27/06/2023.

1 INTRODUÇÃO

A caça é uma das principais causas de extinção de espécies em todo o mundo. No Brasil, é praticada desde os primórdios da ocupação humana no continente sul-americano e assistiu a evolução de técnicas de abate e manejo principalmente após a ocupação europeia no país, no início do século XVI (SANTOS, 1950; VARNHAGEN, 1860 apud FERNANDES-FERREIRA, 2014). É uma prática antiga que foi importante também para a subsistência de muitas populações tradicionais, animais vêm sendo usados por sociedades indígenas, e por descendentes dos colonizadores europeus desde o período colonial (ALVES e SOUTO,

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no Instituto Federal do Piauí *campus* Valença do Piauí (IFPI). elivanniasousa16@gmail.com.

² Mestre em Geografia. Professor do IFPI *campus* Valença do Piauí. bustamante.fortes@ifpi.edu.br.

2011), que utilizavam técnicas e armas próprias, tais como arco e flecha e armadilhas. Com a chegada dos portugueses, a caça se tornou uma atividade muito mais intensiva e comercializada (CRONON, 2011).

Apesar da caça ser considerada uma atividade ilegal no Brasil, a prática ainda é muito recorrente e acontece em diversos lugares do país, seja em zonas rurais ou urbanas. Essa prevalência de atividades ilegais no semiárido brasileiro gera conflitos ambientais e é em maioria motivada por questões socioculturais e econômicas (BARBOSA et al., 2012). Em decorrência da caça excessiva e predatória que resultou em impactos negativos a fauna brasileira, foi promulgada a “Lei de Proteção à Fauna” (Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967) que garante o acesso controlado a atividades cinegéticas visando a preservação da biodiversidade.

“O ensino dos modos de captura dos animais, melhores períodos, locais para encontrar as espécies e as formas de aproveitamento são disseminados culturalmente de geração a geração, em que as atividades de caça se iniciam ainda durante a infância quando animais de pequeno porte são caçados como forma de lazer, usando-se estilingues/badogue ou capturados em armadilhas e criados como animais de estimação” (BARBOSA; AGUIAR, 2015).

O uso dos recursos faunísticos além da importância nutricional e socioeconômica, também está relacionado a fatores sociais e culturais que variam de acordo com a região, a tradição e a percepção das pessoas envolvidas. Ross (1978) conforme citado por Souza e Silva (2008), afirma que muitos daqueles que tem acesso a esta atividade geralmente herdaram esta prática dos seus antepassados.

Partindo desse pressuposto, é de suma importância considerar alguns fatores quando se trata de pensar em estratégias para conservação da biodiversidade e uso sustentável dos recursos naturais. Faz-se necessário conhecer as principais motivações da atividade cinegética e as espécies mais exploradas, no intuito de possibilitar a proposta adequada de medidas conservacionistas cabíveis sem, contudo, ameaçar identidade cultural e a estabilidade socioeconômica local (BARBOSA; AGUIAR, 2015). Para Alves e Dias (2010), a única forma de viabilizar o uso sustentável dos recursos naturais é compreender as relações entre as populações humanas e seu ambiente, pois as comunidades que entram em contato com esses recursos também têm a responsabilidade de mantê-los.

A educação ambiental pode ser uma ferramenta poderosa para promover práticas mais conscientes e sustentáveis em relação à caça. É por meio da educação ambiental que se pode ter uma base necessária para ações e criações futuras, juntamente com os avanços anteriores, que foram mal pensados e criados somente como medidas anódinas, ficando a natureza, com isto desfalcada (GUIMARÃES, 2005). Para que estratégias de sustentação sejam desenvolvidas com a população, é necessário ponderar os contextos que norteiam a caça silvestre.

A caça no Brasil é uma atividade realizada em grande escala e que provoca impactos ambientais em menor ou maior gravidade dependendo da região e das pessoas envolvidas. Atualmente existem diversos estudos quanto às práticas cinegéticas, seus impactos e consequências negativas (ALVES et al., 2012; BARBOSA et al., 2012; FERNANDES-FERREIRA, 2014).

Diante disso, sobre a caça, sabe-se que é um problema, mas não sabemos o contexto socioeconômico e cultural da população usuária e a proporção real desse problema, por esse motivo, o estudo sobre o manejo da fauna silvestre é de suma importância para o desenvolvimento da educação ambiental na sociedade.

Portanto, o desenvolvimento do presente estudo é de grande relevância, devido ao pioneirismo dos resultados a serem obtidos com um estudo dessa natureza na região. Os resultados desse trabalho poderão trazer muitas informações importantes, que poderão servir como ferramenta para o desenvolvimento de atividades de educação ambiental nas escolas, além disso, os resultados obtidos por ser utilizados pelos órgãos ambientais, para o desenvolvimento de estratégias para minimizar os possíveis conflitos entre os moradores locais e a fauna silvestre, propiciando uma possível atividade de caça mais sustentável e consciente.

Nesse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo identificar as principais motivações e percepções dos moradores dos municípios de Oeiras e Inhuma, no Piauí, em relação à prática de caça, considerando aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais, buscando registrar as principais espécies caçadas e as motivações da prática cinegética e assim avaliar o impacto dessa prática sobre a fauna local. Diante desse objetivo geral, os seguintes objetivos específicos foram elencados: (1) verificar quais as espécies animais mais caçados na região; (2) identificar as técnicas de caça mais utilizadas pelos moradores das comunidades estudadas; e por fim (3) analisar se o contexto socioeconômico influencia a prática

cinegética nos municípios, considerando aspectos como a geração de renda, o impacto da caça na preservação da biodiversidade e a influência de tradições e culturas locais.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 HISTÓRICO DE CAÇA NO BRASIL

O Brasil é considerado o país com a maior diversidade biológica do planeta. Estima-se que ocorrem cerca de 775 espécies de mamíferos, 1971 de aves e 848 de répteis (SBH, 2021; ZENODO, 2021). Esta biodiversidade está indissociavelmente ligada ao nosso extenso patrimônio sociocultural (SANTILI, 2002). No entanto, algumas espécies do país são atualmente ameaçadas e uma das principais razões é a atividade cinegética.

No Brasil a prática de caça tem uma longa história e é realizada em todas as regiões. Seja por populações indígenas, rurais ou urbanas, pode ser considerada como um traço totalmente arraigado no país (FERNANDES-FERREIRA, 2014). A caça foi uma atividade fundamental para a sobrevivência dos povos indígenas, mas com a chegada dos europeus, ela se tornou uma fonte de exploração e opressão, com os colonizadores caçando animais para fins comerciais e de entretenimento (CRONON, 2011).

A caça no país tornou-se mais regulamentada em decorrência dos impactos negativos resultados da sua prática excessiva. Em 1967, o Marechal Castelo Branco, então presidente do Brasil, promulgou uma lei estabelecendo que toda a fauna silvestre no país passaria a ser propriedade do Estado, proibindo sua “utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha” sem autorização explícita do poder público. Que ficou conhecida como a “Lei de Proteção à Fauna”, Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967 (TOMAS et al., 2018).

Apesar da prática de caça predatória ser realizada sem obedecer muitas vezes a leis regulamentárias, essa atividade ainda é de suma importância em algumas regiões do Brasil, dentre elas as regiões semiáridas nordestinas. A captura de animais silvestres desempenha um importante papel socioeconômico para as populações do semiárido brasileiro, principalmente por fornecer às famílias locais carne de alto valor nutricional (ALVES; GONÇALVES; VIEIRA, 2012). A caça é a principal atividade cinegética que permite às populações humanas entrarem em contato com animais silvestres, sendo uma prática desenvolvida desde o início da humanidade, e ainda, empregada por populações tradicionais e não tradicionais de todo mundo na obtenção de proteína animal. (SOUZA; LANDIM; FERREIRA, 2022).

Como fonte de alimentação, importância cultural ou rendimento econômico, segundo Moreira (2006), o uso da fauna silvestre torna-se ainda mais importante em áreas como o semiárido nordestino, onde predomina o bioma Caatinga e vivem mais de 28 milhões de pessoas. Porém, a utilização inadequada dos recursos da Caatinga tem causado danos ambientais irreversíveis, na região Nordeste, por exemplo, o processo de desertificação evidencia-se na porção semiárida, em pelo menos 48% da região com ênfase na Paraíba, Bahia e Ceará (NASCIMENTO, 2013). Partindo disso, o uso da fauna deve ser realizado de forma sustentável e responsável.

No estudo realizado por Alves et al. (2012) numa região de Caatinga no semiárido paraibano, eles observaram que as espécies mais utilizadas como fonte de alimento foram *Euphractus sexcinctus* conhecido popularmente como “Peba” e *Dasypus novemcinctus*, “Tatu” e espécies da avifauna que foram as mais citadas, com ênfase em *Zenaida auriculata* (“Pomba”), *Leptotila verreauxi* (“Juriti”), *Patagioenas picazuro* (“Pomba asa branca/ verdadeira”) e *Columbina spp* (“Rolinha”), foi observado também que as espécies de aves pertencentes ao gênero *Columbina* eram utilizadas para fins de recreação.

Esses dados mostram a importância de entender o uso humano da fauna para gerenciar diversas questões ambientais no Brasil, no entanto, as informações sobre esse tema ainda são escassas para várias áreas do semiárido nordestino (ALMEIDA; SANTOS, 2017). E os poucos estudos existentes estão concentrados principalmente em áreas de Floresta Atlântica e Amazônica (TRINCA; FERRARI, 2006).

2.1 CAÇA NA PERSPECTIVA AMBIENTAL E EDUCACIONAL

Na perspectiva ambiental, a caça é uma atividade prejudicial à biodiversidade, e pode levar à extinção de espécies e ao desequilíbrio do ecossistema. As atividades cinegéticas têm evidentes implicações conservacionistas que necessitam ser mais bem investigadas e estudadas, auxiliando na produção de planos de manejo sustentável (ALVES et al., 2009; ALVES; GONÇALVES; VIEIRA, 2012). Apesar da existência de leis que protegem a fauna silvestre, estes continuam sendo vastamente utilizados na alimentação das

populações humanas em diversas partes do mundo (ANDRADE; COSTA NETO, 2006), sendo considerada ilegal quando vai contra as leis estabelecidas pelas autoridades.

Na constituição brasileira de 1988 no capítulo VI, sobre Meio Ambiente, como proteção a fauna silvestre, as leis regidas sobre o tema possuem caráter mais rígido, como se nota no parágrafo 1º, inciso VII que estabelece “proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais à crueldade”.

Portanto é essencial que a caça seja praticada de forma sustentável e responsável para assim, preservamos a nossa fauna. Segundo Torres et al. (2009), o uso sustentável dos recursos naturais deve possuir como uma das suas premissas a compreensão das interações entre as populações humanas e seu meio ambiente. Por isso compreender a percepção humana sobre os recursos naturais se faz tão importante.

A preservação da fauna e flora do nosso país deve ser de interesse coletivo, e depende de toda sociedade, assim, estudos sobre usos regionais dos animais busca junto às comunidades tradicionais discutir e apontar caminhos a partir dos saberes tradicionais desta para fornecer subsídios para implementar a conservação das espécies, embasados numa realidade social (ALVES; SOUTO, 2011).

A Educação Ambiental (EA) é uma ferramenta fundamental para sensibilizar as pessoas sobre a importância de exercer a caça com responsabilidade buscando a preservação e conservação do meio ambiente. A fim de desenvolver tecnologias viáveis para a exploração múltipla dos recursos florestais (SILVA, 2008).

Deste modo:

EA é uma prática que dialoga com a questão ambiental. E no senso comum, essa prática visa à mudança de valores, atitudes e comportamentos para o estabelecimento de outra relação entre o ser humano e a natureza, que deixe de ser instrumental e utilitarista para se tornar harmoniosa e respeitadora dos limites ecológicos (LOUREIRO; LAYRARGUES; CASTRO, 2009, p. 25-26).

A EA é vista como um instrumento na construção de valores e habilidades, deixando os indivíduos informados sobre a importância da contribuição individual e coletiva nos processos socioambientais. Visando a melhoria da participação dos educandos em práticas de conservação ao meio ambiente. Conforme citado por Freitas (2020), a Educação Ambiental é uma importante ferramenta para engajar os educandos, buscando o desenvolvimento de uma relação mais harmoniosa entre os humanos e o meio ambiente. Segundo FERREIRA et al. (2006), ao estudar uma determinada comunidade pode-se entender melhor o ambiente em que ela está inserida e buscar soluções para a conservação da biodiversidade local.

3 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa refere-se a um estudo de caso descritivo, de natureza qualitativa-quantitativa.

A pesquisa científica se trata de uma abordagem minuciosa onde o acadêmico, através de um tema central, realiza uma pesquisa aprofundada com objetivo de resolver o problema de seu trabalho recorrendo a projetos científicos, artigos e meios eletrônicos, como a internet” (GHERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Desse modo, a pesquisa tem a finalidade de responder as problemáticas propostas e obter novas percepções resultantes de cada diagnóstico.

Bogdan e Biklen (2003) apresentam a mesma concepção ao afirmarem que a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

A pesquisa quantitativa é uma abordagem importante para a produção do conhecimento permitindo a análise objetiva dos dados. E preocupa-se em medir (quantidade, frequência e intensidade) e analisar as relações causais entre as variáveis (TERENCE; ESCRIVÃO-FILHO, 2006).

A abordagem de pesquisa quali-quantitativa conforme apresenta Knechtel (2014, p. 106), “[...] interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica)”.

2.2 LOCAL E PÚBLICO-ALVO

O estudo foi realizado em regiões semiáridas, em dois municípios: na zona urbana da cidade de Inhumas, e na zona rural do município de Oeiras, ambas localizadas no estado do Piauí. Os locais onde foram coletados os dados foram escolhidos com base em sua facilidade de acesso e localização estratégica garantindo a eficiência dos dados e a representatividade da amostra. O fato de conhecer uma parcela dos moradores que realizavam a prática de caça contribuiu na escolha do público alvo para a aplicação da pesquisa, favorecendo o fornecimento de informações por parte da população. O público alvo desempenha um papel fundamental, pois é essencial para garantir que a pesquisa seja relevante.

O município de Inhumas abrange uma área de 978,222km², sua população é estimada em 15.330 habitantes com densidade demográfica de 15,18hab/km² (IBGE 2021). A zona rural abrange uma área de 35km² e fica a aproximadamente 70 km da zona urbana. Sua população é estimada em 1.500 habitantes distribuídos em várias localidades (SECRETARIA DE SAÚDE. OEIRAS, 2023).

2.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados é uma etapa essencial para a análise da problemática, na pesquisa qualitativa a preocupação com o processo é muito maior do que o produto e o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 12-14).

Amaro (2005) (apud. RICHTER, 2014, p. 56) “afirma que um questionário é extremamente útil quando um investigador pretende recolher informação sobre um determinado tema”. Diante disso, o questionário é um instrumento de suma importância para o investigador levando em conta a praticidade na coleta de dados, facilidade na análise dos mesmos, além de sistematizar os resultados.

Antes de cada entrevista e aplicação dos questionários, foi explicada a natureza e os objetivos da pesquisa e solicitada a permissão aos entrevistados para registrar as informações através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) sendo preenchido com assinatura dos entrevistados (apêndice C).

Para obtenção dos resultados, foi aplicado questionário semi-estruturado (ver apêndice B), com 18 moradores, sendo 9 deles residentes na cidade de Inhumas e 9 na zona rural da cidade de Oeiras, ambas situadas no estado do Piauí. Além da aplicação dos questionários foi realizado também entrevistas semiestruturadas (ver figura 1). Esses questionários foram propostos e aplicados a 14 moradores que caçam, ou já caçaram e 4 a esposas e parentes de caçadores. Os questionários continham perguntas sobre a percepção de caça, técnicas utilizadas, motivos para a realização da atividade cinegética, frequência da prática de caça na comunidade, instrumentos e sobre o impacto da caça da natureza. Todos os nomes comuns usados pelos entrevistados residentes para os animais mais caçados foram registrados, assim como seus usos, hábitos.

Os dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa, a forma qualitativa pois o questionário possuía questões abertas e fechadas e representados em gráficos, quadro e tabelas. A análise segundo o modelo de união das diversas competências individuais onde todas as informações referentes ao assunto pesquisado são consideradas (MARQUES 1991; PEREIRA; SCHIAVETTI 2010).

Figura 1. Coleta de dados com alguns moradores que realizam a prática da caça, ou convivem com quem pratica, em regiões semiáridas nos municípios de Inhumas e Oeiras, Piauí.



Fonte: Próprios autores (2023).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um total de 14 caçadores foram entrevistados, destes 13 eram homens e 1 mulher, com idades variando entre 18 e 69 anos, com maior concentração no intervalo entre 39 a 59 anos. O nível de escolaridade dos entrevistados foi distribuído em Analfabeto, semianalfabeto, ensino fundamental completo e incompleto e ensino médio completo e incompleto com destaque de 5 caçadores com ensino fundamental completo (Quadro 1).

A maior atividade ocupacional dos entrevistados é a agricultura, ou seja, pessoas que possuem renda proveniente de atividades agrícolas onde a principal motivação da caça é a alimentação. Além disso, tem os caçadores mais experientes que são os aposentados (n=3), sendo que dois deles dependiam também do trabalho rural. Os demais desenvolvem atividades como servente de pedreiro, pedreiro, motorista e atividade acadêmica.

Quadro 1. Perfil dos caçadores entrevistados das áreas pesquisadas (municípios de Inhuma e Oeiras, estado do Piauí).

Sexo	Nº e Frequência
Homens	13 (93%)
Mulheres	1 (7%)
Idade	Nº e Frequência
18 a 29 anos	4 (29%)
30 a 39	3 (21%)
40 a 49	3 (21%)
50 a 59	1 (7%)
60 a 69	3 (21%)
Escolaridade	Nº e Frequência
Analfabeto	2 (14%)
Semianalfabeto	1 (7%)
Ensino fundamental incompleto	5 (36%)
Ensino fundamental completo	2 (14%)
Ensino médio incompleto	2 (14%)
Ensino médio completo	2 (14%)
Profissão	Nº e Frequência
Trabalhador rural/ Agricultor	4 (29%)
Aposentado	3 (21%)

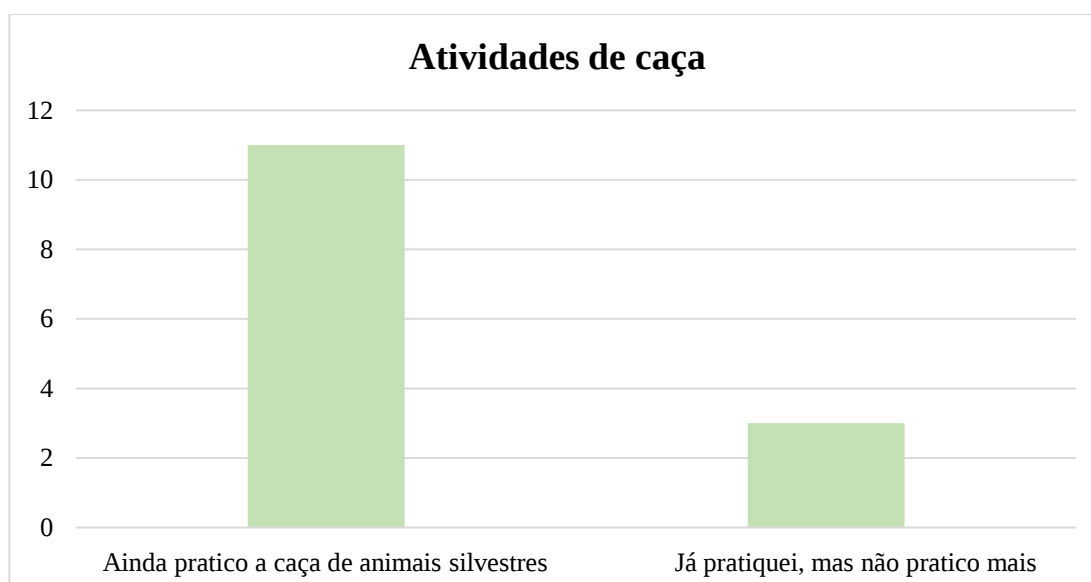
Servente de pedreiro	3 (21%)
Pedreiro	2 (14%)
Motorista	1 (7%)
Estudante	1 (7%)

Fonte: Próprios autores (2023).

3.1 ATIVIDADES CINEGÉTICAS

Após as análises dos questionários, pode-se observar um quantitativo de 79% (n=11) dos participantes afirmaram que ainda praticam atividades cinegéticas de caça. Já 21% (n=3) dos participantes alegaram que já caçaram, mas que atualmente não realizam tal prática, apesar de ainda consumirem a carne de animais provenientes da caça (Gráfico 1).

Gráfico 1. Percentual da prática de atividades cinegéticas nas comunidades situadas nas cidades de Inhuma e Oeiras, Piauí.



Fonte: Próprios autores (2023).

De acordo com relato dos caçadores durante as entrevistas, a prática de caçar animais silvestres foi aprendida com familiares mais experientes que repassaram, como uma “tradição” onde os mesmos eram ensinados desde muito cedo. O conhecimento associado aos modos de captura dos animais, melhores períodos, locais para encontrar as espécies e as formas de aproveitamento são disseminados culturalmente de geração a geração (BARBOSA E AGUIAR, 2015). Barbosa et al. (2014), afirmam que as atividades de caça têm início na infância, quando os animais (principalmente as aves) são caçados para o consumo com uso de baladeiras.

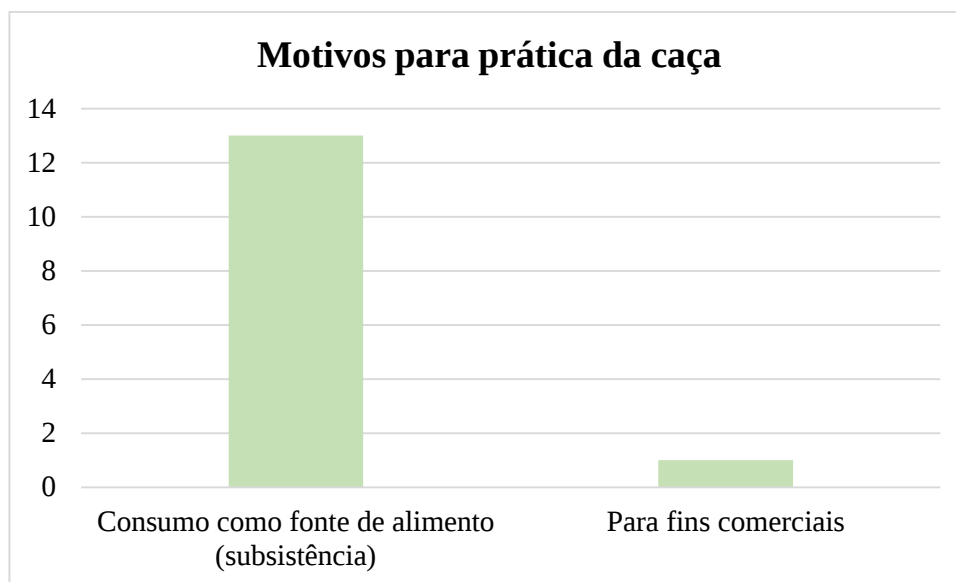
A partir desses resultados, é perceptível que a fauna silvestre ainda é bastante utilizada de forma direta ou indireta. Fernandes-Ferreira (2014) evidência em seu estudo, que a prática de caça além de abranger todas as regiões do Brasil representa também uma atividade onipresente durante toda a história do país. Partindo desse pressuposto, a caça se torna uma das atividades mais antigas realizadas pelo ser humano e pode ser utilizada para alimentação, fins comerciais, medicinais entre outros.

Tais práticas tradicionais vêm garantindo a existência das comunidades humanas por séculos e muito podem contribuir para o desenvolvimento de modelos etno-conservacionistas (BODMER E PENN, 1997; VALADARESPÁDUA E BODMER, 1997; DIEGUES, 2002 apud SOUZA E SILVA, 2008).

3.2 PRINCIPAIS MOTIVOS PARA A REALIZAÇÃO DA CAÇA

Foram registradas duas diferentes formas de utilização da fauna local, no qual, 93% (n=13) dos participantes alegaram a prática da caça para consumo como fonte de alimento (subsistência): que consiste no aproveitamento da carne como fonte de nutrição para os consumidores, e apenas 7% (n=1) fez utilização para o comércio que é a utilização da fauna como fonte de renda na venda dos bichos (ver gráfico 2).

Gráfico 2. Quantitativo de citações para cada modo de utilização dos animais capturados, analisado durante o estudo.



Fonte: Próprios autores (2023).

A captura de animais silvestres desempenha um importante papel socioeconômico para as populações do semiárido do Brasil, principalmente por fornecer carne de alto valor nutritivo às famílias locais (ALVES et al., 2012). Nesse sentido, a caça de subsistência é amplamente praticada por populações tradicionais e rurais em todo o Brasil, e tem como finalidade a aquisição de alimentos para saciar a fome (SOUSA et al., 2022). A relação entre atividade cinegética e fatores socioeconômicos varia de acordo com a região e o objetivo de cada caçador. Segundo Constatino (2018) a caça para consumo local de carne ocorre em praticamente todos os biomas, mas é bastante expressivo na Amazônia, Caatinga e Cerrado, ocorrendo também na Mata Atlântica.

Além das atividades cinegéticas servirem para alimentação, outro incentivo à captura de animais silvestres nas áreas pesquisadas é o valor comercial dos mesmos. Estima-se que o comércio ilegal movimenta entre 10 e 20 bilhões de dólares por ano no mundo. Desse total, 10% corresponde ao Brasil, o equivalente a 38 milhões de bichos das nossas florestas e matas (“Tráfico de espécies silvestres ameaça a biodiversidade da fauna brasileira”, 2020).

Vannucci-Neto (2000) conforme citado por Rocha et al. (2006), afirma que o comércio ilegal de animais silvestres é uma atividade que movimenta por ano entre 10 e 20 bilhões de dólares.

Diante dos resultados, podemos dizer que apesar do uso comercial, a fauna local possui um aproveitamento significativo, pois, é utilizada na sua grande maioria como fonte de alimento e proteína pela população dos dois municípios estudados. Barbosa e Aguiar (2015) realizaram um estudo no estado da Paraíba, obtendo resultados semelhantes quando evidenciaram que as interações de uso existentes entre humanos e fauna constituem uma das mais significativas formas de aproveitamento dos recursos naturais da região.

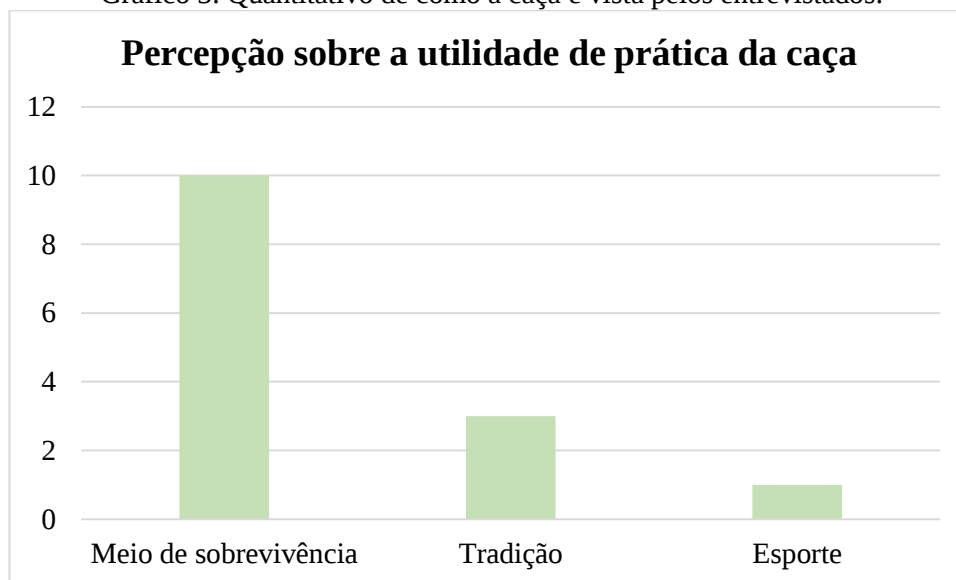
3.3 PERCEPÇÃO DA PRÁTICA DE CAÇA

Ao analisar a percepção dos entrevistados quanto a percepção da prática da caça, foi possível notar que cerca de 71% (n=10) enxergam a caça como meio de sobrevivência, deste modo, na visão deles, a preservação dos recursos naturais é para manter sua subsistência. Em frequências menores, mas não menos

importantes, alguns entrevistados também relataram a prática da caça como um fator tradicional ou cultural (passado de pai para filho) e também como esporte (ver gráfico 3).

Esses dados corroboram com a colocação de Alves et al. (2012), no qual, a caça de subsistência é uma atividade antiga e representa uma forma tradicional de manejo da fauna silvestre. Segundo Constantino et al. (2018), a caça faz parte do modo de vida de populações tradicionais, sendo responsável por um relevante aporte de proteína animal na alimentação dessas pessoas, compondo o universo sociocultural de suas identidades.

Gráfico 3. Quantitativo de como a caça é vista pelos entrevistados.



Fonte: Próprios autores (2023).

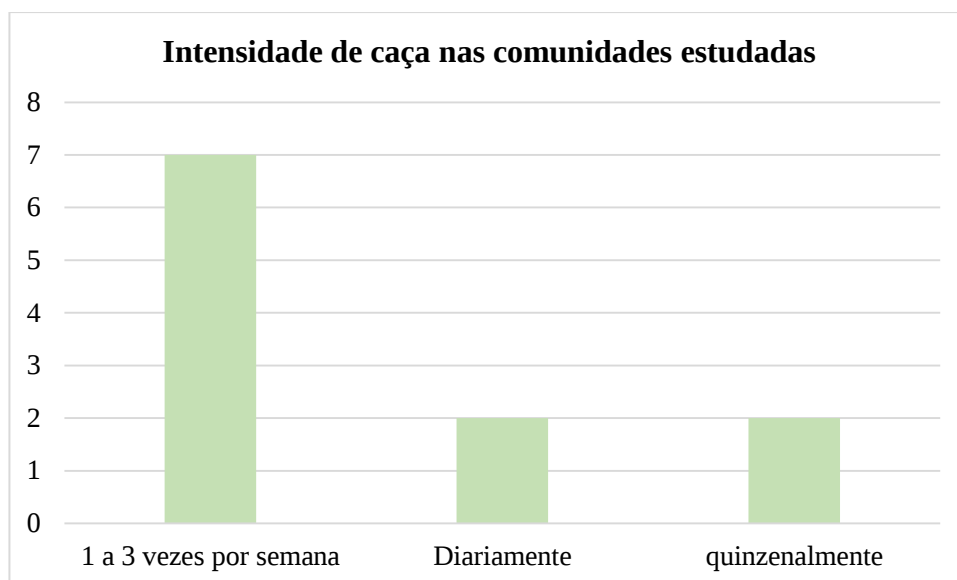
Uma informação que merece destaque, foi o fato de que durante a pesquisa, os caçadores demonstraram conhecer os mais variados aspectos biológicos relacionados a fauna local, como reprodução, alimentação, comportamentos e vários outros. Alguns estudos alegam que o nível de percepção registrado pelos moradores nesse tipo de estudo, pode ser empregado de forma benéfica em estratégias de conservação da fauna local, uma vez que o conhecimento ecológico tradicional é uma ferramenta extremamente útil para o manejo sustentável dos recursos naturais (POSEY, 1983; ALBUQUERQUE; LUCENA, 2004; BARBOSA, 2011 apud BARBOSA E AGUIAR, 2015, P. 143).

3.4 INTENSIDADE DA PRÁTICA DE CAÇA NAS COMUNIDADES

Quando questionados sobre a intensidade da prática das atividades de caça, cerca de 64% (n=7) alegaram realizar atividades de caça entre 1 e 3 vezes por semana, enquanto com menor frequência, alguns outros caçadores relataram tal prática pelo menos uma vez na semana, ou de modo quinzenal, conforme gráfico 4.

A caça por muito tempo foi realizada de maneira intensiva, no nordeste brasileiro, sobretudo na caatinga, no cenário atual, no que concerne a dependência do sertanejo com relação a fauna nativa é bastante diferente do que acontecia no passado (FERNANDES-FERREIRA, 2014).

Gráfico 4. Percentual das atividades cinegéticas nas comunidades estudadas.



Fonte: Próprios autores (2023).

Conforme descrito pelos caçadores, a prática de caça ocorre com mais frequência no período seco, mais precisamente de julho a novembro, pois segundo eles nessa época tem mais comida para os animais e consequentemente a procura é maior. Do final de novembro até janeiro segundo eles, é o período de reprodução nos locais de caça e por esse motivo a frequência de caça é quase inexistente.

As informações obtidas acerca da intensidade de caça nos locais estudados (situados no bioma Caatinga) apresentaram uma variedade um pouco diferente do que foi observado em um estudo realizado por Sampaio et al (2014), em que o objetivo era compreender as causas e principais motivações da caça em região de Mata Atlântica no estado do Rio de Janeiro. O estudo apontou que a caça ocorreu com mais frequência no período do inverno (entre maio, junho e julho), época que os bichos estão gordos. Em agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro os bichos são magros, dando de “mamã”, segundo relato dos próprios caçadores.

Essa definição do “tempo” da caça que ocorre em períodos um pouco distintos nos dois biomas citados pode ser explicada pela variação do clima, pois a Caatinga é caracterizada como semiárido, com estação seca prolongada e estação chuvosa curta e irregularmente distribuída no tempo e no espaço (NASCIMENTO E RIBEIRO, 2017), e a Mata Atlântica é caracterizada por um clima tropical úmido com chuvas bem distribuídas ao longo do ano (SANTOS, 2010).

3.5 PRINCIPAIS ESPÉCIES CAÇADAS NA REGIÃO

Pode-se notar que os mamíferos e as aves foram os animais preferidos entre os caçadores entrevistados. Dentre as aves, a espécie que mereceu destaque foi a *Penelope jacucaca*, principalmente pelo sabor da sua carne. Conhecida popularmente na região como jacú, a *P. jacucaca* é considerada endêmica da Caatinga, ocorrendo também em algumas regiões como o Cerrado e a Mata Atlântica, (FIUZA 1999; BROOKS et al., 2006 apud. CASTRO, 2016 p. 2). Além do jacú, as espécies *Zenaida auriculata* (“pomba”) e *Leptotila verreauxi* conhecidas como “juriti”, foram as duas espécies que se destacaram nas citações dos caçadores (ver gráfico 5 e quadro 2).

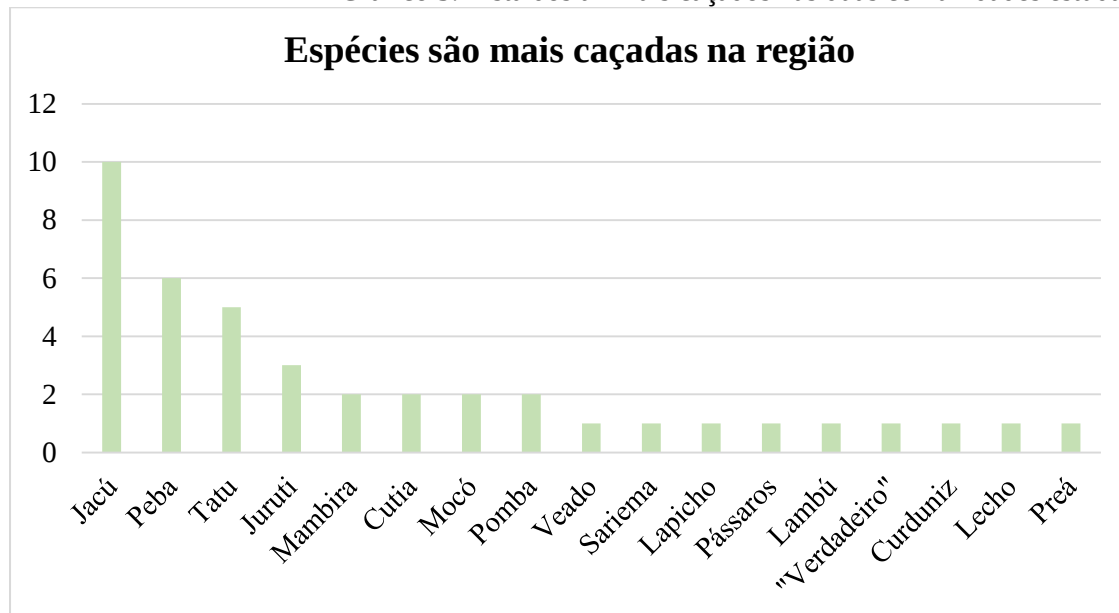
Apesar da grande procura pela ave, seus hábitos de vida, distribuição, biologia, ecologia e comportamentos são pouco conhecidos (REDIES, 2013). Em um estudo realizado por Castro (2016) em duas regiões da Caatinga ela obteve em seus resultados que a dieta da *P. jacucaca* é composta principalmente por frutos, flores e folhas. A intensa caça do jacu está relacionada a vários aspectos sociais, econômicos e, especialmente culturais (ALVES et al., 2009). Onde os caçadores aprendiam, como um costume ainda na adolescência a preferência pela carne do bicho por ser um animal de médio porte e conseguir alimentar mais pessoas, além do sabor da carne.

Aves de morfologia homogênea, com cabeças e bicos pequenos, alta densidade corporal, plumagem cheia, pernas poucos resistentes, possuem alimentação primordialmente frugívora e granívora, embora haja

espécies florestais e urbanas da família Columbidae, a maioria vive em áreas campestres (FERNANDES-FERREIRA, 2014).

Dos mamíferos preferidos entre os entrevistados estão o *Euphractus sexcinctus* (“Peba”), o *Tolypeutes tricinctus* (“Tatu”), sendo considerado um animal limpo por ter uma dieta a base de raízes, batatas e pequenos insetos (ALVES et al., 2012), e o *Tamandua tetradactyla* (“Mambira”) onde a carne é o principal meio de utilização dos moradores (ver gráfico 5 e quadro 2).

Gráfico 5. Lista dos animais caçados nas duas comunidades estudadas.



Fonte: Próprios autores (2023).

Quadro 2. Lista de espécies, com seus respectivos nomes populares, importância (utilidade) e frequência de uso relatado pelos caçadores utilizados no estudo.

Classe/Espécie/Nome popular	Importância de uso / Frequência			
	Alimentação	F	Comércio	F
AVES				
<i>Penelope jacucaca</i> (“Jacú”)	x	n= 9 (64%)	x	n= 1 (7%)
<i>Zenaida auriculata</i> (“Pomba”)	x	n= 2 (14%)	x	n= 1 (7%)
<i>Leptotila verreauxi</i> (“Jurutí”)	x	n= 2 (14%)		
<i>Cariama cristata</i> (“Seriema”)	x	n= 1 (7%)		
<i>Crypturellus parvirostris</i> (“Lambú”)	x	n= 1 (7%)		
<i>Patagioenas picazuro</i> (“Verdadeira”)	x	n= 1 (7%)		
<i>Nothura boraquira</i> (“Cordoniz”)	x	n= 1 (7%)		
MAMÍFEROS				
<i>Euphractus sexcinctus</i> (“Peba”)	x	n= 6 (43%)		
<i>Tolypeutes tricinctus</i> (“Tatu”)	x	n= 5 (36%)		
<i>Tamandua tetradactyla</i> (“Mambira”)	x	n= 4 (29%)		

<i>Dasyprocta aguti</i> (“Cutia”)	x	n= 2 (14%)		
<i>Mazama gouazoubira</i> (“Veado”)	x	n= 2 (14%)		
<i>Kerodon rupestris</i> (“Mocó”)	x	n= 2 (14%)		
<i>Cavia aperea</i> (“Preá”)	x	n= 1 (7%)		
TOTAL	n = 14			n = 2

Fonte: próprios autores (2023).

A quantidade de espécies apresentadas nas entrevistas demonstra que na região os mamíferos e as aves têm sido os grupos de vertebrados silvestres recorrentes e com maior histórico de aproveitamento (ALVES et al., 2009). Resultados semelhantes foram percebidos em outros estudos realizados em diferentes locais do território brasileiro (BARBOSA e AGUIAR, 2015; LIMA et al., 2018; SOUZA et al., 2022).

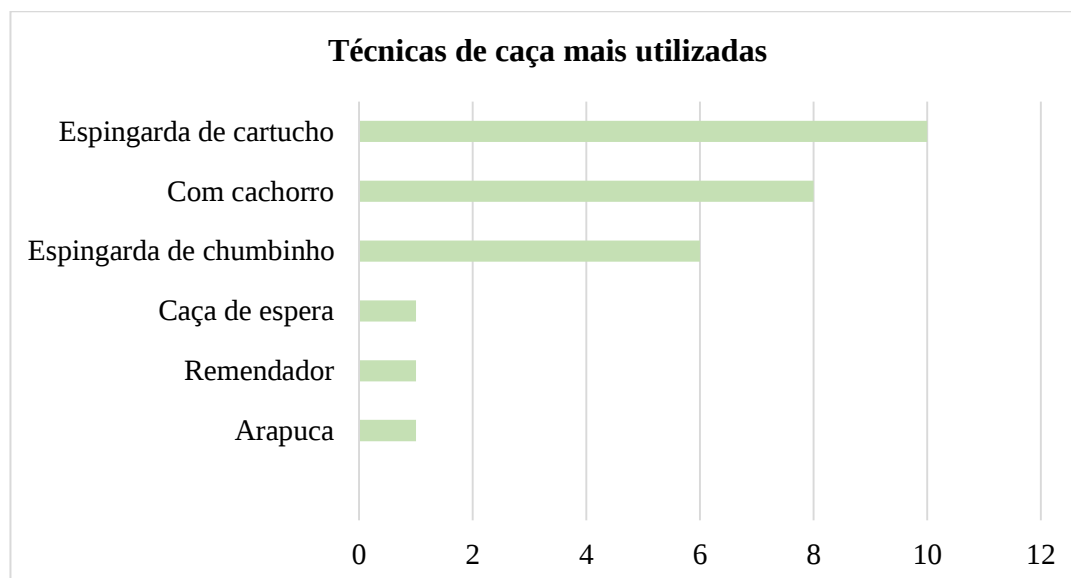
A importância de mamíferos e aves para a população local é, principalmente motivada pela utilização alimentar desses bichos. Estudo realizado por Trinca e Ferrari (2006) em uma região Amazônica no estado do Mato Grosso, e outro estudo realizado por Barbosa e Aguiar (2015) na Paraíba, evidenciaram que as espécies escolhidas para a caça sofriam forte influência da sua disponibilidade e também do porte físico, sendo priorizadas as espécies mais comuns e de maior massa corpórea.

Podemos concluir que determinadas espécies de aves e mamíferos são consideradas valiosas para fins comerciais ou culinários, o que pode impulsionar a caça dessas espécies fazendo com que a procura seja maior naquelas que apresentam a carne mais apetitosa.

3.6 TÉCNICAS DE CAÇA MAIS UTILIZADAS NA REGIÃO

Foram registradas sete (n=7) técnicas de caça praticadas pelos caçadores, destas, a caça com espingarda de cartucho (36%), com cachorro (29%) e espingarda de chumbinho (21%) foram as mais utilizadas (ver gráfico 6).

Gráfico 6. Principais Técnicas utilizadas pelos caçadores na captura de animais silvestres



Fonte: Próprios autores (2023).

A prática de caça com espingarda de cartucho ou cartucheira é muito comum no semiárido piauiense usada para captura de animais de médio e grande porte, utiliza-se de chumbo, pólvora e espoleta para munição. É preferência de uso dentre as demais técnicas, pois permite o abate de todas as espécies preferenciais de forma instantânea, efetiva e alongas distâncias (FERNANDES-FERREIRA, 2014).

A caça com cachorros incide na captura de animais silvestres com o auxílio de cães, geralmente 2 ou mais cães na caçada que acontece na maioria das vezes durante a noite, onde os mesmos farejam os cheiros

dos animais, levando o caçador até a presa. Os cachorros nas regiões estudadas atuam geralmente na caça de mamíferos como Tatus (*Tolypeutes tricinctus*), Pebas (*Euphractus sexcinctus*), mambiras (*Tamandua tetradactyla*), preás (*Cavia aperea*) e cutias (*Dasyprocta aguti*). É uma técnica muito utilizada de acordo com os entrevistados, e nela quem escolhe a espécie e o indivíduo a ser caçado é o cachorro, que encabeça a perseguição (TRINCA E FERRARI, 2006).

A espingarda de chumbinho (figura 2 A) também conhecida como espingarda de pressão, é utilizada para capturar animais de pequeno porte e em oposição à cartucheira, não usa pólvora ou cartucho explosivo. Essa técnica pode ser mais precisa na apreensão da presa com a ajuda da luneta que é aplicada na parte superior calculando melhor o alvo. A espingarda é o instrumento básico dos caçadores, usada não apenas para abater suas presas, mas também para servir como defesa a potenciais ameaças durante a caçada (ALVES et al., 2009).

A caça de espera consiste na prática onde o caçador prepara uma armadilha para atrair os animais, com comida ou outras emboscadas, aguardando o alvo se aproximar em locais estratégicos escondidos no solo ou em cima de árvores. Essa espera pode ocorrer em árvores frutíferas que os animais costumam frequentar ou em outros pontos específicos conhecidos pelos caçadores, a caça de espera requer muita paciência, podendo levar horas até a captura.

“Remendador” como é popularmente conhecido pelos entrevistados, é a técnica de imitar o som dos animais. É geralmente praticada individualmente e é usada principalmente para a avifauna (ALVES et al., 2009; FERNANDES-FERREIRA, 2014). Nesse caso, os caçadores imitam o canto da ave usando o remendador (Figura 2 B e C) que reproduz um canto semelhante ao dos animais e assim atrai os mesmos facilitando na captura, esse instrumento pode ser encontrado em feiras livres segundo os entrevistados.

A arapuca é uma armadilha feita com materiais encontrados na natureza para capturar animais de pequeno e médio porte, onde os gravetos são entrelaçados e amarrados com cipós ou arames finos (Figura 2 D e E), possuindo um gatilho que deve ser ativado imediatamente quando o animal entra na armadilha fazendo com que ele seja capturado. Os caçadores usam iscas para incentivar os animais a entrar na arapuca.

Figura 2. Exemplos de alguns instrumentos utilizados pelos caçadores, como a espingarda de chumbinho (A), Remendadores (B, C) e arapuca (D, E).



Fonte: Próprios autores (2023).

Os caçadores aplicam mais de uma técnica dependendo da presa que pretende caçar, e o mesmo animal pode se utilizar mais de uma técnica. Alves et al. (2009), realizaram trabalho sobre as estratégias de

caça usadas no município de Pocinhos, semiárido paraibano e verificaram também as mesmas técnicas de caça do presente trabalho, com algumas a mais devido a maior variedade de espécies alvo dos caçadores.

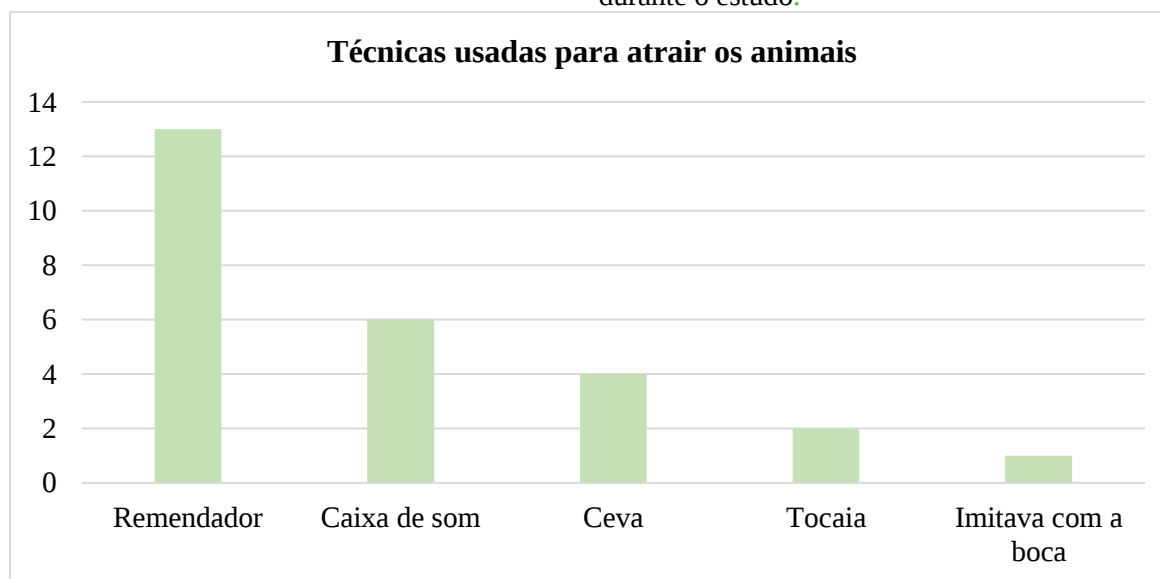
Apesar da escassez de estudos direcionados as atividades cinegéticas no semiárido piauiense, é possível analisar a disseminação consistente dos métodos utilizados na prática de caça com outros estudos, por exemplo, uma pesquisa realizada por Lima et al. (2018) sobre a percepção de estudantes no semiárido potiguar, na qual os participantes apresentaram semelhanças com algumas estratégias de captura como a utilização da espingarda, a caça com cachorros, o uso de arapuca e o remendador entre outras técnicas diferentes que variam de acordo com o animal caçado.

Portanto, os caçadores utilizam diferentes métodos para capturar animais silvestres, variando de acordo com a região, a presa alvo e disponibilidade de recursos, por exemplo, a caça com cachorros é mais comum na zona rural da mesma forma que a caça com espingarda de chumbinhos é mais comum na zona urbana.

3.7 INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA ATRAIR OS ANIMAIS DURANTE A CAÇA

É importante destacar nesse resultado que os entrevistados poderiam citar mais de um instrumento utilizado para tal prática. Dentre os instrumentos utilizados para atrair os animais, o remendador se destaca, sendo apontado por 93% (n=13) dos caçadores. Além do remendador, mereceu destaque também a técnica do uso da caixa de som, no qual 43% (n=6) utilizaram essa técnica, que consiste na mesma estratégia que o remendador (imitar o som dos animais), mas de forma mais prática e tecnológica (ver gráfico 7).

Gráfico 7. Detalhes das diferentes técnicas utilizadas para atrair os animais, relatadas pelos entrevistados durante o estudo.



Fonte: próprios autores (2023).

A caixinha de som na prática de caça é utilizada para reproduzir sons que imitam o canto dos bichos, atraindo os animais para perto do caçador. Esses sons são emitidos em volume alto com o objetivo de atrair os animais silvestres que estão por perto. Foi possível observar com os resultados obtidos que a utilização da caixinha de som é mais utilizada por caçadores com idades no intervalo entre 18 e 29 anos, pois é uma técnica mais atual, e requer um maior domínio dos recursos tecnológicos.

A ceva é uma instrumentação que utiliza iscas, ou seja, alimentos colocados estrategicamente numa área próxima e defronte a campana, sob a mira do caçador (FERNANDES-FERREIRA, 2014), que pode ser aliado ou não a tocaia, semelhante a estratégia da caça de espera, onde o caçador se esconde ou se camufla em um local tático, aguardando o animal se aproximar e “morder” a isca. Normalmente, a tocaia ocorre próximo de uma fonte de água ou locais onde os animais costumam se alimentar (LIMA et al., 2018).

A técnica de imitar o som com a boca compete aos caçadores mais experientes que não tinham o “remendador” como instrumento na época em que a prática de caça era mais ativa, e assim tiveram que desenvolver a habilidade de imitar o som dos bichos com a boca.

O uso de diferentes instrumentos de caça proporciona aos caçadores várias experiências. Cada método pode proporcionar uma vivência única, seja com remendador, caixinha de som, com a boca, tocaia ou usando iscas. “O conhecimento acerca das técnicas de caça é uma variável importante que está relacionada tanto à seletividade de espécies por caçadores quanto à quantidade de animais extraídos, quanto ao eventual impacto da atividade cinegética” (REIS et al., 2018).

Segundo Souza et al. (2022), as diversas técnicas e instrumentos de caça representam uma construção simbólica e tradicional que torna as atividades cinegéticas mais eficientes. Ao dominar vários métodos de caça, os caçadores podem expandir seu repertório de habilidades permitindo uma variedade de abordagens para a caça.

Vale ressaltar que independente dos instrumentos usados, a atividade cinegética deve ser praticada de forma legal, ética e sustentável acatando as regulamentações e priorizando a preservação da fauna local.

3.8 IMPACTO DA PRÁTICA DE CAÇA NA NATUREZA

Quando questionados sobre o impacto da caça na fauna, foi obtido um resultado no qual 50% (n=7) dos entrevistados alegaram que a prática não acarretava impacto, e ao mesmo tempo os outros 50% (n=7) dos participantes relataram que tal atividade tende a acarretar impactos da fauna, merecendo destaque alguns dos relatos do quadro 3.

Quadro 3. Relatos de alguns caçadores sobre os impactos da caça.

Não acarretava impactos	Acarretava impactos
<i>“só a onça que mata os bichos mais fracos”</i>	<i>“se diminuir mais a caça os animais vivem mais”</i>
<i>“só se matar os bichos paridos”</i>	<i>“um dia acaba”</i>
<i>“coisa que Deus deixa não acaba”</i>	<i>“se a caça for sem controle pode levar a extinção”</i>
<i>“Eles se reproduzem direto”</i>	<i>“Se caçar demais acaba sim”</i>
<i>“Espanta o bicho do lugar mas acabar não”</i>	<i>“Sim, pode causar extinção”</i>
<i>“Não, porque no tempo de reprodução não caço que é no inverno”</i>	<i>“Acaba com os bichos”</i>

Fonte: Próprios autores (2023)

Diante desses resultados, podemos observar a necessidade do desenvolvimento de atividades com enfoque na educação ambiental, tendo em vista que a percepção de muitos dos caçadores é que tais práticas de caça tendem a não acarretar impactos na fauna caçada.

Segundo Robinson e Redford (1991) citado Ferreira et al. (2012), a prática de caçar os animais, utilizando-se de diversos métodos pelas diferentes populações proporcionam impactos negativos em grandes escalas sobre a fauna silvestre. O impacto da caça excessiva pode acarretar uma série de fatores negativos, ocasionando, por exemplo, um declínio populacional local (LIMA et al., 2018).

Visto que o impacto da caça afeta além das populações de espécies cinegéticas, mas também toda a estrutura da comunidade, Goés et al. (2018) afirmam que é necessário a utilização de instrumentos que busquem minimizar os problemas evidenciados na atualidade, e a educação ambiental pode ser uma importante aliada para que haja uma sensibilização e uma mudança de pensamento e de comportamento por parte das pessoas.

Tendo em vista a grande ocorrência de uso da fauna silvestre por parte da população, e a percepção dos mesmos acerca do impacto que a caça traz a natureza, é visto a necessidade e a carência do estudo e exploração da educação ambiental, por isso, torna-se inconcebível traçar estratégias de conservação para o bioma Caatinga sem considerar o elemento humano e os impactos decorrentes do uso dos recursos naturais na região (ALVES et al., 2012).

3.9 PERCEPÇÃO DAS MULHERES COM RELAÇÃO À CAÇA

Quadro 4. Perfil das mulheres entrevistadas das áreas pesquisadas (municípios de Inhuma e Oeiras, estado do Piauí).

Idade	Nº e Frequência
18 a 29 anos	1 (25%)
30 a 39	3 (75%)
Escolaridade	Nº e Frequência
Ensino fundamental incompleto	1 (25%)
Ensino fundamental completo	1 (25%)
Ensino médio completo	2 (50%)
Profissão	Nº e Frequência
Doméstica	2 (50%)
Lavradora	2 (50%)

Além da entrevista com os caçadores, vimos a necessidade da aplicação dos mesmos questionários com algumas esposas ou parentes que convivem com eles, com o intuito de averiguarmos a percepção delas sobre essa atividade cinegética, mesmo sem elas realizarem a prática da caça, mas por deterem um certo conhecimento devido ao convívio com esses caçadores.

Foi aplicado o mesmo questionário com 4 mulheres, com idades variando entre 18 e 59 anos, tendo maior concentração entre 30 e 59 anos.

As atividades ocupacionais das entrevistadas foram divididas em duas categorias (duas delas realizam atividades domésticas e duas são lavradoras). Duas (n=2) apresentaram escolaridade a nível de ensino médio completo, uma (n=1) ensino fundamental incompleto e uma (n=1) ensino fundamental completo.

Os resultados obtidos através das entrevistas foi que apesar de não caçarem, as mulheres possuem conhecimento acerca das espécies mais caçadas na região, pois foram apontadas as mesmas espécies que os caçadores indicaram tendo maior destaque a *Penelope jacucaca* (“Jacú”), *Zenaida auriculata* (“Pomba”), *Euphractus sexcinctus* (“Peba”), *Tolypeutes tricinctus* (“Tatu”) e *Tolypeutes tricinctus* (“Tatu”).

Sobre a percepção de caça, as entrevistadas apresentaram uma diversidade de concepções, cada uma respondeu de uma forma diferente, sendo percebida como meio de sobrevivência, tradição, esporte e risco para a segurança.

Na percepção delas, a intensidade de caça é vista como pouca, quando comparado com anos anteriores. As técnicas de caça apontadas por elas foram: a espingarda e uso de cachorros para acuar os bichos durante a caça. Quanto aos instrumentos citados por elas, destacou-se remendador e a tocaia. Esses dados estão em concordância com as que foram apontadas pelos caçadores. Todas as mulheres afirmaram que a caça pode causar impactos na natureza, pois, segundo as entrevistadas, atualmente a atividade não é mais tão necessária visto que antigamente os animais provenientes da caça eram para a sobrevivência e a população vivia basicamente disso.

Diante disso, podemos concluir que mesmo que as esposas não participem diretamente da caça, elas podem adquirir conhecimento sobre a atividade por estarem associadas aos caçadores. E isso pode acontecer através de histórias, elas podem observar equipamentos, ouvir conversas sobre caça e, assim consequentemente desenvolver conhecimento sobre o assunto em diferentes níveis.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos no trabalho, foi possível concluir que os caçadores são os que mais conhecem a região e os animais assim como as técnicas mais comuns para realização da atividade cinegética, o que foi fundamental para o fornecimento de informações relevantes para o estudo.

A identificação feita pelos entrevistados das duas comunidades estudadas relacionada à época “da caça” foi que o período mais propício para a captura dos animais é no verão, tempo mais seco, e nesse sentido, 14 espécies foram apontadas por eles como as mais caçadas nas regiões, com ênfase no jacu que se destaca pela preferência ao sabor da sua carne.

Para o abate dos animais foram apontadas as técnicas mais comuns como a espingarda de cartucho e chumbinho. Outras técnicas (como a utilização de cachorro) variam de acordo com a região e bicho a ser

caçado. A utilização das técnicas utilizadas está muito associada à percepção dos caçadores quanto a prática de caça e de acordo com os resultados obtidos, é visto darmos uma ênfase em trabalhos futuros para atividades com enfoque na educação ambiental, tanto para os caçadores, quanto nas escolas da região.

No geral, a utilização da fauna silvestre é frequente entre os entrevistados principalmente por promover alimento ao caçador e a sua família. A atividade é percebida pelos caçadores como um meio de sobrevivência, e através desse resultado podemos afirmar que os impactos da caça sobre a fauna local quando os animais caçados são usados para a alimentação, podem ser diferentes em comparação com a caça praticada por motivos comerciais ou recreativos.

Nesse sentido, a percepção da conduta das atividades cinegéticas é de grande valia para o desenvolvimento de estratégias de educação ambiental como uma ferramenta para a sensibilização da população com o objetivo de promover uma caça mais sustentável.

Os conhecimentos empíricos dos entrevistados desempenharam um importante papel para conclusão do trabalho fornecendo informações baseadas em evidências que combinados com pesquisas similares, permitiu uma maior compreensão das atividades cinegéticas e assim com dados relevantes contribuir com órgãos ambientais na criação de futuros projetos de intervenção como palestras, oficinas, programas de treinamento, minicursos e etc, visando a conservação e a utilização consciente e moderada da fauna local.

REFERÊNCIAS

- ABREU, E. et al. **Lista de Mamíferos do Brasil**. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/5590557>>. Acesso em: 20 Abr. 2023.
- ALMEIDA, M.L.A. SANTOS, C.A. PANORAMA DE RELAÇÃO HUMANA COM A FAUNA SILVESTRE NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. **Revista Rios**, v. 11, n.14, p. 187-201, 1 dez. 2017.
- ALVES, R. R. N. & Dias, T. L. P. 2010. Usos de invertebrados na medicina popular no Brasil e suas implicações para conservação. Madagascar: **Journal Tropical Conservation**, Science 3 (2): 159-174.
- ALVES, R. R. N. and Souto, W. M. S. 2011. Ethnozoology in Brazil: current status and perspectives. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 7(22): 1-18.
- ALVES, R. R. N.; GONÇALVES, M. B. R.; VIEIRA, W. L. S. Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro. **Tropical Conservation Science**, v. 5, n. 3, p. 394-416, 2012.
- ALVES, R. R. N.; MENDONÇA, L. E. T.; CONFESSOR, M. V. A.; VIEIRA, W. L. S.; LOPEZ, L. C. S. Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 5, n. 1, p. 12, 2009.
- ANDRADE, J. & Costa Neto, E. M. 2006. O comércio de produtos zooterápicos na cidade de Feira de Santana, Bahia, Brasil. Feira de Santana: **Sitientibus** Série Ciências Biológicas 6: 37-43.
- BARBOSA, E. D. O.; SILVA, M. D. G. B.; MEDEIROS, R. O.; CHAVES, M. F. Atividades cinegéticas direcionadas à avifauna em áreas rurais do Município de Jaçanã, Rio Grande do Norte, Brasil. **Biotemas**, v. 27, n. 3, p. 175-190, 2014
- BARBOSA, J. A. A., NOBREGA, V. A.; ALVES, R. R. N. 2011. Hunting practices in the semiarid region of Brazil. **Indian Journal of Traditional Knowledge** 10:486-490.
- BARBOSA, J. A. A.; AGUIAR, J. O. Conhecimento e usos da fauna por caçadores no semiárido brasileiro: um estudo de caso no estado da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Biotemas**, v. 28, n. 01, p. 137-148, 2015.
- BARBOSA, J. A. A.; LEITE, D. A. B.; AGUIAR, J. O. Conflitos decorrentes da caça no semiárido nordestino: um estudo de caso no município de Fagundes, PB. **Revista Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. XIV, n. 102, p. 1-10, 2012.

BOGDAN, R. S.; BIKEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. 12.ed. **Porto**: Porto, 2003.

CALDEIRA, H.; SILVEIRA, R. **Répteis do Brasil e suas unidades Federativas: lista de espécies**. Campbell & Lamar. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://storage.builderall.com/franquias/2/6437879/editor-html/9025951.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

CASTRO, T. V. DE. Caça e dieta do Jacu do nordeste (Penelope jacucaca) na Caatinga do Ceará e Paraíba, Brasil. **repositorio.unb.br**, 20 abr. 2016.

CONSTANTINO, P.A.L.; RIBEIRO, K.T; PRADO, M.U. Caça: Subsídios para Gestão de Unidades de Conservação e Manejo de Espécies. 2018. **Biodiversidade Brasileira**, v. 8, n. 1, 2018.

CRONON, W. Changes in the Land: Indians, Colonists, and the Ecology of New England. [s.l.] **Farrar, Straus and Giroux**, 2011.

FERREIRA, D. S. S.; CAMPOS, C. E. C.; ARAÚJO, A. S. Aspectos da Atividade de Caça no Assentamento Rural Nova Canaã, Município de Porto Grande, Estado do Amapá. **Biota Amazônia**, v. 2, n. 1, p. 22–31, 30 jun. 2012.

FERREIRA, Hugo Fernandes. **A caça no Brasil: panorama histórico e atual**, 2014. 466 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

FERREIRA, M. C. E.; HANAZAKI, N.; SIMÕES-LOPES, P. C. Conflitos ambientais e a conservação do boto-cinza na visão da comunidade da Costeira da Armação, na APA de Anhatomirim, Sul do Brasil. **Natureza e Conservação**. 4, n.1, p. 64-74, 2006.

FREITAS, P. R. DE. **Percepção da herpetofauna, aspectos ecológicos e populacionais de répteis em áreas de caatinga com diferentes níveis de degradação ambiental**. – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. 141 f.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GÓES, Q. R. et al. Educação para a conscientização sobre animais domésticos e silvestres. **Rev. Ciênc. Ext.** v.14, n.2, p. 114-127, 2018.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental da educação**. 7.ed. Campinas,SP: Papirus, 2005. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados. Inhumá-PI: IBGE 2021. Disponível em : [Inhumá \(PI\) | Cidades e Estados | IBGE](#) . Acesso em: 20 abr. 2023.

KNECHTEL, M. R. Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba, PR: **Intersaberes**, 2014.

LIMA, R. J. P. D.; BARBOSA, E. D. O.; CHAVES, M. F. HUNTING ACTIVITIES IN THE SEMIARID POTIGUAR UNDER THE STUDENTS PERSPECTIVE. **Ambiente & Sociedade**, v. 21, 31 jan. 2019.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philipe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza. **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **A.Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª edição. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MARQUES, J.G.W. 1991. **Aspectos ecológicos na Etnoictiologia dos pescadores do complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguabá Alagoas**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 280 p.

MOREIRA E. 2006. Agricultura familiar e desertificação. Editora universitária UFPB Joao Pessoa. Disponível em: <https://www.bing.com/search?pglt=41&q=Moreira+E.+2006.+Agricultura+familiar+e+desertificacao.+Editora+universitaria+UFPB+Joao+Pessoa.&cvid=a239855c07f94b3eb96ba2b733295be7&aqs=edge.0.69i59.71j0j1&FORM=ANNTA1&PC=EDGEDB>>. Acesso em: 20 Abr. 2023.

NASCIMENTO, F. R. O fenômeno da desertificação. Goiânia: Editora UFG, 2013.

NASCIMENTO, D. T. F; RIBEIRO, S.A. Os biomas brasileiros e a defesa da vida. - Goiânia: **Kelps**, 2017 46 p.il..

PACHECO, J. F. et al. Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos – segunda edição. **Zenodo**, 26 jul. 2021.

PEREIRA, J.P.R & SCHIAVETTI, A. Knowledge and faunal game uses by indigenous hunters “Tupinambá from Olivença” (Bahia). **Biota Neotrop.** 10(1): <http://www.biotaneotropica.org.br/v10n1/en/abstract?article+bn0321001> (2010).

REDIES, H.,2013. **Observations on white-browed Guan Penelope jacucaca in North-East Brazil**. Cotinga, 35: 61–68

REIS, Y. S.; VALSECCHI, J.; QUEIROZ, H. Caracterização do uso da fauna silvestre para subsistência em uma unidade de conservação no Oeste do Pará. **Biodiversidade Brasileira**, v. 08, n. 02, p. 187-202, 2018.

RICHTER, Leonice Terezinha. **A importância da conscientização e da coleta seletiva no município de Palmitos** - SC. 2014. 77 f. – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

ROCHA, M. DA S. P; CAVALCANTI, P.C.M; SOUSA, R.L; ALVES, R.R.N. Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 6, n. 2, p. 204–221, 2006.

SAMPAIO, D.T et al. A caça de animais silvestres: usando o método da triangulação para compreender as suas causas e motivações. Seminário Internacional de Ecologia Humana, V. 1, N. 1. Salvador: **EDUNEB**, 2014.

SANTILLI, J. F. R. 2002. Biodiversidade e conhecimentos tradicionais associados: novos avanços e impasses na criação de regimes legais de proteção. Brasília: **Revista da Fundação Escola Superior Ministério Público Distrito Federal Territorial** 20: 50-74.

SANTOS E. 1950. **Caças e caçadas**. Rio de Janeiro: F. Briguiet.

SANTOS, R. C. M. **Mata Atlântica: características, biodiversidade e a história de um dos biomas de maior prioridade para conservação e preservação de seus ecossistemas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Ciências Biológicas) – Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA E SILVA, A. F DE. **O uso da fauna cinegética e o consumo de proteína animal em comunidades rurais na amazônia oriental reserva extrativista tapajós/arapiuns Pará** – Brasil. Universidade Federal do Pará- Belém-PA, 2008.

SOUZA, J. M.; LANDIM, A. S.; FERREIRA, F. S. A CAÇA E FATORES QUE INFLUENCIAM O USO DE ESPÉCIES CINEGÉTICAS: UMA REVISÃO. **Ethnoscientia - Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 7, n. 3, p. 36, 21 ago. 2022.

TERENCE, A. C. F.; ESCRIVÃO-FILHO, E. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais**. IN: ECONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26, Fortaleza, Anais do Evento, Fortaleza, 2006.

TOMAS, W. M. et al. Meio século da proibição da caça no Brasil: consequências de uma política inadequada de gestão de vida selvagem . **Biodiversidade Brasileira**, v. 8, n. 2, p. 75–81, 2018.

TORRES, D. F. et al. 2009. Etnobotânica e Etnozoologia em Unidades de Conservação: Uso da Biodiversidade na APA de Genipabu, Rio Grande do Norte, Brasil. **Caracas: Interciências** 34 (9): 623-629.

Tráfico de espécies silvestres ameaça a biodiversidade da fauna brasileira. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/midias/arco/trafico-animais-silvestres#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Rede%20Nacional%20de%20Combate>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

TRINCA, C. T.; FERRARI, S. F. Caça em assentamento rural na Amazônia matogrossense. **Diálogos em ambiente e sociedade no Brasil**, v. 1, 2006.

APÊNDICE A- CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

ATIVIDADE	2023.1			
	Março	Abril	Maio	Junho
Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X
Coleta de dados			X	
Análise e organização dos dados			X	X
Redação do Artigo			X	X
Defesa do TCC				X

APENDICE B- QUESTIONÁRIO

Caro(a) Voluntário(a)

Este questionário tem objetivo acadêmico e será usado para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso, por isso, as informações prestadas são sigilosas. Suas respostas são muito importantes para a fase exploratória desse estudo. Desde já, agradeço-lhe por sua colaboração!

Pesquisador: Elivânia Nascimento de Sousa Orientador: Antenor Fortes de Bustamante

1. SEXO:

☐ Feminino

☐ Masculino

2. IDADE:

18 a 29 () 30 a 39 () 40 a 49 () 50 a 59 () 60 a 69 ()

3. ESCOLARIDADE:

☐ Ensino Fundamental incompleto

☐ Ensino Fundamental completo

☐ Ensino médio incompleto

☐ Ensino médio completo

☐ Outro _____

4. Profissão: _____

5. Sobre as atividades de caça:

☐ Já pratiquei, mas não pratico mais.

☐ Ainda pratico a caça de animais silvestres

☐ Não pratico a caça, mas conheço quem caça.

6. Se você é ou já foi um praticante das atividades de caça (cinegética), quais os principais motivos para a realização dessa atividade?

☐ Consumo como fonte de alimento (subsistência)

☐ Lazer ou recreação

☐ Comércio

☐ Tratamento de doenças

☐ Outro _____

7. Para você, como a prática de caça é percebida?

☐ Como uma tradição

☐ Meio de sobrevivência

☐ Esporte

☐ Risco para a segurança

8. Qual a frequência e intensidade da prática de caça na comunidade?

9. Quais são as principais espécies caçadas na região? Para que finalidades?

10. Quais são as técnicas de caça mais utilizadas na região?

11. Quais os instrumentos utilizados para atrair os animais silvestres?

12. Na sua visão a prática da caça pode causar algum impacto ou até a eliminação desses animais na natureza?

APENDICE C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa de graduação intitulada de: Análise da prática de caça sob a perspectiva de moradores no semiárido piauiense: um estudo de caso nos municípios de Inhuma e Oeiras-PI. Pesquisador responsável: Elivânia Nascimento de Sousa – Aluno(a) de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Piauí, Campus Valença. Contatos: E-mail elivanniasousa16@gmail.com; Telefone: (89)994488208. Esta pesquisa segue rigorosamente todas as exigências da Resolução 466/12 do Conselho nacional de Saúde. E o motivo que nos leva a estudar o tema é a obtenção de informações que poderão servir como ferramenta para o desenvolvimento de atividades de educação ambiental nas escolas, e para os órgãos ambientais, no desenvolvimento de estratégias para minimizar os possíveis conflitos entre os moradores locais e a fauna silvestre. O objetivo desse projeto é identificar as principais motivações e percepções dos moradores dos municípios de Oeiras e Inhuma, no Piauí, em relação à prática de caça, considerando aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais. O procedimento de coleta de dados será realizado por meio de questionários semiestruturados e anônimos, contendo informações sobre o tema da pesquisa. Os questionários serão aplicados com moradores nos municípios de Inhuma-PI e Oeiras-PI.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS: Pode haver desconforto e risco mínimo com a leitura e preenchimento das repostas. Reforça-se aqui, que se trata de uma pesquisa como adesão livre e espontânea, não havendo a intensão ou possibilidade de violação do sigilo para a autoria das respostas.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Conforme exigências da Resolução 466/12 do Conselho nacional de Saúde, você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Sinta-se livre para recusar-se participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE “Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato, rubrico e assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

Assinatura do participante Data

Assinatura do pesquisador Data